

***L'Etrange Defaite* de Marc Bloch: O Historiador diante da Guerra**

Eduardo Mei* - UNESP/Franca

Marc Bloch nasceu em 1886 e recebeu a agregação de História em 1908. Serviu no exército francês durante a Primeira Guerra Mundial, iniciando-a como sargento de infantaria e terminando como capitão, tendo sido inclusive condecorado com a cruz de guerra. Em 24 de agosto de 1939, não obstante a idade e suas obrigações familiares (tinha seis filhos), foi mobilizado, a seu pedido, como capitão de estado-maior. Durante a guerra, torna-se o responsável pelo armazenamento, transporte e distribuição de combustível. Nos últimos dias da batalha de Flandres, cruzou o canal da Mancha para não se render ao exército invasor. Após o armistício de 2 de julho de 1940, ele se transfere para a zona não ocupada, fazendo-se passar por civil. Quando os alemães invadem a zona livre, Bloch é obrigado a refugiar-se em uma casa de campo que ele possuía em Fougères. Depois, em Clermont-Ferrand, ele entra em contato com os primeiros grupos locais de resistência. Em 1943, ele entra completamente na clandestinidade. Em 8 de março de 1944 ele é capturado e torturado pela Gestapo. Em 16 de junho de 1944 ele é fuzilado juntamente com outros prisioneiros.¹

Entre julho e setembro de 1940, Marc Bloch redigiu *L'Etrange defaite*, seu testemunho ocular da derrota francesa perante os alemães que culminou no governo de Vichy. O texto que Bloch definiu como “procès-verbal de l’an 1940” foi publicado pela primeira vez em 1946. Embora em nenhum momento evoque a sua condição de judeu, ele tinha nítida clareza da perseguição que os alemães empreenderiam contra ele e os seus. Por isso, o fato de alistar-se em 1939 e depois combater na resistência foi uma demonstração de firme coragem e amor à pátria. Como Bloch notara em artigo publicado

* Professor substituto da Faculdade de História Direito e Serviço Social de Franca (FHDSS-UNESP) e doutorando em História na mesma Faculdade.

clandestinamente em julho de 1943, seu patriotismo era a evidente contrapartida do seu republicanismo. Com efeito, ele observa que, desde a Revolução Francesa, formou-se na França uma classe aristocrática interessada em manter seus privilégios e propensa a ver na invasão da França a ocasião de restabelecê-los juntamente com a restauração da monarquia. Em suas palavras:

Assim, formou-se na França um partido hostil a todo curso da história da França, partido sem cessar vencido e que, exasperado por suas derrotas, tomou pouco a pouco o hábito de pensar e sentir contra a nação, a ponto de não esperar outros sucessos que os desastres da França. Desde 1814 e 1815, ele saudou na invasão estrangeira a ocasião de restabelecer a monarquia e a ordem social que ela simbolizava para ele, e se esforçava, por conseguinte, para sustentar essa ordem por uma política tão diretamente contrária à opinião que três dias bastavam para derrubar a monarquia restaurada, sem que ninguém em todo o país se levantasse para defendê-la.²

Por outro lado, a libertação nacional só poderia ser conquistada como uma obra da República. Foi assim em 1793, 1870, de 1914 a 1918, e também a resistência francesa de 1939 a 1943 era obra sua:

A República aparece aos franceses como o regime de todos, ela é a grande idéia que em todas as causas nacionais exaltou os sentimentos do povo. (...) A República é o regime do povo. O povo que libertará a si mesmo e pelo esforço comum de todos não poderá preservar sua liberdade senão pela vigilância contínua de todos.

Assim, como francês de origem judia, totalmente assimilado, sem nenhum sentimento religioso, Bloch fará um retrato agudo e melancólico do desastre que se abateu sobre a França. Primeiramente, nota que o exército francês não estava preparado para enfrentar o exército invasor. Houve um evidente problema de comando que Bloch tratará de descrever. Bloch nota que os chefes militares franceses não souberam pensar a guerra de 1939-40: a vitória militar alemã foi, sobretudo, uma vitória intelectual. Em grande medida, isso se deve à não compreensão do impacto da revolução técnica nos meios de transporte e comunicação: "desde o início do século XX, a noção de distância mudou radicalmente de valor. (...) Os alemães fizeram uma guerra de hoje, sob o signo da rapidez. Nós apenas tentamos fazê-la, por nossa parte, uma guerra da véspera ou da antevéspera".³ A rapidez imprimida pelos alemães à guerra provocou um caos no exército francês. O alto-comando pregava dogmaticamente a superioridade da guerra defensiva; acreditava que a linha

Maginot era inexpugnável.⁴ Ora, preparado para uma guerra defensiva, extremamente lenta, o exército francês foi fortemente abalado pelo rápido avanço alemão:

Os alemães, simplesmente, avançavam mais rapidamente do que parecia conforma à boa regra. (...) [Assim,] uma única chance de salvação subsistia: depois de se "retirar", restabelecer uma nova linha de defesa, suficientemente recuada, para não ser aniquilada antes mesmo de ser guarnecida.⁵

Os alemães cortaram as linhas de comunicações francesas, desorganizaram sua defesa e abalaram o seu moral. Como notou Fuller,

Era o emprego da mobilidade como arma secreta, não para matar, mas para deslocar; não deslocar para matar, mas para aterrorizar, desorientar confundir, causar consternação, dúvida e confusão na retaguarda do inimigo, que o rumor público ampliaria até que o pânico fosse monstruoso. Em resumo, seu objetivo era paralisar não somente o comando inimigo, mas também seu governo, e tal paralisação estaria na razão direta da velocidade.⁶

O relato de Bloch mostra claramente a desorganização que se instalara no exército francês. Todavia, em grande medida o caos se deve ao próprio dogmatismo do alto-comando militar francês. Tendo apostado tudo numa guerra defensiva, o exército francês descuidara do serviço de informações. Como observa Bloch:

Que nossos chefes tenham conhecido sempre imperfeitamente suas [do inimigo] verdadeiras intenções e, pior ainda talvez, suas possibilidades materiais, a má organização de nossos serviços de informação basta para explicar.⁷

O exército francês não estava preparado para a extrema mobilidade do exército alemão, de modo que os blindados do inimigo constantemente surpreendiam os franceses. De fato, exclama Bloch: "essa guerra foi feita portanto de perpétuas surpresas".⁸ E tais surpresas tiveram um enorme impacto sobre o moral do exército francês. Do mesmo modo, os bombardeios aéreos eram utilizados pelos alemães mais para provocar o pânico entre os franceses do que como arma de ataque: "Certamente, o ataque aéreo tal como os alemães o praticaram com tanto brio, atestava um conhecimento muito premente da sensibilidade nervosa e dos meios de abalá-la".⁹ Assim, Bloch atribui a derrota ao fato de os franceses "pensarem em atraso".¹⁰ Os alemães atacavam os pontos de menor resistência: diante de uma defesa bem organizada, eles escolhiam entre múltiplas possibilidades a manobra apropriada, ou, em outras palavras, aplicavam à tática os princípios da mobilidade,

"acreditavam na ação e no imprevisto". Enquanto os franceses depositaram sua fé "na imobilidade e no já feito".¹¹

Esse contraste entre mobilidade e imobilidade se traduzia também na própria organização do exército. Bloch observa como os estados-maiores do exército eram meticulosamente organizados. "As fórmulas de estilo obedeciam a uma tradição rigorosa"; dados diversos eram diariamente registrados nas tabelas; "os dossiês eram cuidadosamente classificados". Em suma: "a forma burocrática da ordem".¹² E, todavia, esse exagero de ordem quando se traduzia em ordens a serem executadas davam uma "incontestável impressão de desordem". E isso porque: "... a ordem estática do escritório é, sob muitos aspectos, a antítese da ordem, ativa e perpetuamente inventiva, que exige o movimento".¹³ Assim, Bloch arremata: "a boa ordem da qual éramos tão orgulhosos era adquirida apenas ao preço de uma grande lentidão".¹⁴ Diante dessas considerações, parecia óbvio a Bloch que o contraste entre as vantagens de um exército invasor ágil, rápido e dinâmico perante um exército francês lento e esclerosado selara a derrota da França em 1940. Daí sua indagação:

*A campanha do norte, com sua duras lições, lograria ao menos convencer nossos chefes de que o ritmo da guerra havia mudado? A resposta será dada pela história das últimas convulsões nas quais debateram os fragmentos de exércitos que escaparam do desastre em Flandres.*¹⁵

Porém, a análise de Bloch não se interrompe nas deficiências do aparelho militar francês. Era preciso examinar o ambiente social e político em que o exército atuara: "Os estados-maiores trabalharam com os instrumentos que o país lhes ofereceu".¹⁶ Primeiramente, ele tece críticas à desinformação do povo francês, insuficientemente esclarecido sobre as intenções dos alemães,¹⁷ Em seguida à precária mobilização, que, em sua opinião, não devia excluir nem as mulheres.¹⁸ Ora, nesses fatos, a alta burguesia e as elites sindicais tinham sua culpa, pois ambas compunham as classes dirigentes.¹⁹ As indústrias de armamentos não fabricaram carros de combates, aviões ou motores suficientes. Desde engenheiros até os operários esqueceram que tinham "a sua maneira, postos de soldados".²⁰ Os motivos desse desprezo pelos interesses nacionais eram muitos,

e entre eles Bloch destaca a propaganda oficial, “seu irritante e grosseiro otimismo”.²¹ As elites sindicais, por sua vez, colocavam os interesses de classe acima dos nacionais, esquecendo-se que a “vitória dos regimes autoritários não podiam deixar de levar à servidão quase total de nossos operários”.²² E a alta burguesia não tinha interesse em esclarecer os camponeses e cidadãos dos assuntos internacionais, sendo ela mesma desinformada.²³ Em suma, toda a França estava dividida, desinformada e contaminada por um temerário pacifismo que mais se assemelhava à covardia. E nesse ambiente formou-se o dogmatismo defensivo dos estados-maiores.

É sugestivo a esse respeito o livro *Une invasion est-elle encore possible?*, publicado pelo editor militar Berger-Levrault e assinado pelo general Chauvineau. A seu respeito Bloch faz uma severa resenha, não poupando críticas ao seu “dogmatismo”.²⁴ A obra de Chauvineau foi publicada em 1938 e reeditada em 1940 e refletia o estado de espírito dos dirigentes do exército francês. É sugestivo a esse respeito o fato de ser prefaciado pelo general Pétain. Chauvineau tece várias críticas a Foch e Joffre com o intuito de exaltar Pétain. Surpreendentemente, às vésperas da invasão alemã, Chauvineau, segundo Bloch, acredita “... que a técnica moderna permite, combinando a fortificação e a potência de fogo, edificar sobre não importa qual linha do território defesas infranqueáveis ao longo de um *front* contínuo”.²⁵ A exaltação da defensiva era a contrapartida do desprezo pela ofensiva. Assim, lê-se nessa impressionante obra: “Quanto aos carros que deviam nos levar às guerras curtas, sua deficiência é espantosa”.²⁶ Do mesmo modo Chauvineau não via futuro na aviação. Todavia, o general francês não se limitava a discorrer sobre problemas estritamente militares. Como nota Bloch, “O princípio dos *fronts* contínuos e infranqueáveis permite, com efeito, ao general Chauvineau demolir toda a política externa francesa e construir uma inteiramente nova”.²⁷ Assim, Chauvineau critica a Sociedade das Nações que seria um mecanismo ineficaz de evitar as guerras, e vê nos pactos de segurança coletiva o risco de guerras de coalizão. Despreza o auxílio que um país tão distante como os EUA poderiam prestar aos europeus. Em suma, é notável que o marechal

Pétain tenha assinado uma obra de tal calibre. Não podemos deixar de ver nela a crônica da derrota anunciada.

¹ Um brevíssimo resumo biográfico pode ser encontrado em nota biográfica à edição de *Estranha Derrota*. Cf. Marc Bloch, *L'Etrange defaite*. Paris: Gallimard, 1940 e no sítio dedicado a Marc Bloch: <<http://www.marcbloch.fr/>>

² Marc Bloch, "Porquoi je suis républicain", publicado originalmente em *Les Cahiers politiques*, órgão clandestino do C.G.E. (Comité général d'études de la Résistance), nº 2, juillet 1943, p. 9, "Réponse de un Historien". Reproduzido em Marc Bloch, *L'Etrange defaite*, *op. cit.* p. 218.

³ M. Bloch, *L'Etrange defaite*, *op. cit.* pp. 66-7.

⁴ *Idem, ibidem*, p.83.

⁵ *Idem, ibidem*, p.68.

⁶ John Frederick Charles Fuller, *A conduta da guerra*. [Tradução de Hermann Bergqvist]. RJ: Bibliex, 2002, p.245.

⁷ M. Bloch, *op. cit.*, p. 75.

⁸ *Idem, ibidem*, p. 78.

⁹ *Idem, ibidem*, p. 84.

¹⁰ *Idem, ibidem*, p. 78.

¹¹ *Idem, ibidem*, p. 79.

¹² *Idem, ibidem*, pp. 88-89.

¹³ *Idem, ibidem*, p. 90-1.

¹⁴ *Idem, ibidem*, p. 91.

¹⁵ *Idem, ibidem*, p. 72.

¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 159.

¹⁷ *Idem, ibidem*, pp. 161-2.

¹⁸ *Idem, ibidem*, pp. 163-4.

¹⁹ *Idem, ibidem*, pp. 168 e ss.

²⁰ *Idem, ibidem*, pp. 168 e ss.

²¹ *Idem, ibidem*, pp. 170 e ss.

²² *Idem, ibidem*, p. 174.

²³ *Idem, ibidem*, pp. 178 e ss.

²⁴ M. Bloch, "A propos d'un livre trop peu connu", publicado originalmente em *Les Cahiers politiques*, nº 8 (na realidade 6), avril 1944. Reproduzido em Marc Bloch, *L'Etrange defaite*, *op. cit.* p. 243-53.

²⁵ *Idem, ibidem*, p.248.

²⁶ *Idem, ibidem*, p.248.

²⁷ *Idem, ibidem*, p.250.